

Brasil entra nos trilhos

Garantidas as metas de política monetária e déficit operacional

O diretor da área bancária do Banco Central, José Luis Silveira Miranda, afirmou não ter dúvida alguma de que, apesar do BC manter volume de financiamento diário ao **Open** de Cr\$ 2,5 trilhões, a base monetária — emissão primária de moeda — fechará o trimestre com expansão abaixo de 2%, conforme a meta estabelecida no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Embora os bancos credores devam receber hoje, em inglês, o Memorando Técnico de Entendimento da quinta Carta de Intenções do Brasil ao Fundo, o porta-voz da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Gustavo Silveira, declarou que o governo não irá distribuir o documento em português.

Silveira Miranda explicou que o crescimento da receita fiscal garante o cumprimento das metas de política monetária e de Cr\$ 1,3 trilhão de déficit operacional do setor público, ao longo do primeiro trimestre. "Tudo está correndo

direitinho, sobretudo pelo comportamento do caixa do Tesouro" — afirmou o diretor do BC. Outra fonte do banco destacou que, apesar da pressão do **Open**, o acompanhamento das contas do orçamento monetária primeira quinzena de março permite projetar a execução tranqüila das metas trimestrais traçadas com o FMI.

Este mês, o superávit de caixa do Tesouro não deverá repetir o Cr\$ 1,04 trilhão de fevereiro, segundo Silveira Miranda, "um mês inusitado". Quase todo o sistema financeiro antecipou para janeiro o recolhimento do Imposto de Renda e esses recursos foram transferidos em fevereiro para o Banco do Brasil, o que favoreceu a contração da base monetária. Para março, o BC prevê Cr\$ 400 bilhões de transferências de recursos fiscais para o orçamento monetário.

A pressão por financiamentos de posições não impede o BC de ainda esperar que o **Open** feche o mês

contracionista, com a colocação líquida de papéis para compensar em parte o resgate de Cr\$ 909 bilhões em fevereiro. A expansão líquida de Cr\$ 105 bilhões dos empréstimos do Banco do Brasil também preocupa menos que a tendência de aumento dos saques nos depósitos em moeda estrangeira no BC, diante do fim do fantasma de midi ou maxidesvalorização do cruzeiro e ainda da alta excessiva do custo do crédito interno. Mas o BC entende que, por enquanto, nada ameaça a meta de expansão de apenas 2% da base monetária no trimestre, o que significa queda de 1,9% no mês.

Com o tranqüilo cumprimento das metas trimestrais das políticas monetária e fiscal, o diretor do BC reiterou que o Brasil já assegura o saque de mais US\$ 400 milhões do FMI em maio, parcela vinculada aos critérios de desempenho no trimestre janeiro a março. Os compromissos da quinta Carta de Intenções só condicionam a libe-

ração da terceira parcela do financiamento ampliado do FMI, também de US\$ 400 milhões, prevista para agosto.

O porta-voz do Planejamento afirmou que o governo nada tem contra a divulgação do Memorando Técnico de Entendimento, a exemplo do que ocorreu das outras vezes, "porque o documento não tem qualquer segredo". Mas reiterou que a decisão de divulgar cabe ao FMI. Gustavo Silveira fez questão de minimizar a importância do documento "muito técnico", ao argumentar que as linhas da política econômica estão na Carta de Intenções e "o memorando nada acrescenta". O assessor do ministro Delfim Netto explicou que a quinta Carta mantém a diretriz de que estatais sem recursos não investirão e, por exemplo, investimentos na Açominas só serão possíveis com dinheiro gerado pelo próprio setor siderúrgico. "Este ano, as estatais não farão déficit" — disse Silveira.